

**CENTRO UNIVERSITÁRIO SANTA AMÉLIA – UNISECAL**

**RAÍSSA GALVÃO RIBEIRO**

**OBSTÁCULOS ENFRENTADO PELAS MULHERES NO JORNALISMO  
ESPORTIVO**

**PONTA GROSSA**

**2022**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO SANTA AMÉLIA – UNISECAL**

**RAÍSSA GALVÃO RIBEIRO**

**OBSTÁCULOS ENFRENTADO PELAS MULHERES NO JORNALISMO  
ESPORTIVO**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado como requisito  
parcial à obtenção do título de  
Graduação em Jornalismo

**PONTA GROSSA**

**2022**

## RESUMO

Um dos campos mais expressivamente misóginos do âmbito das notícias, é a editoria esportiva de revistas, portais na internet, jornais, programas de rádio, canais na web ou da televisão. Esportes considerados exclusivamente masculinos tiveram a prática proibida pelas mulheres, por meio de lei, no Governo Getúlio Vargas, entre os esportes desta forma categorizados encontra-se o futebol. De acordo com o Decreto-Lei n. 3.199 de 14 de abril de 1941, “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”. Desta forma, a presente pesquisa objetivou o levantamento bibliográfico de dados acerca dos obstáculos enfrentados pela presença feminina no jornalismo esportivo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo esportivo. Mulheres no jornalismo esportivo. Machismo no jornalismo esportivo.

# 1 INTRODUÇÃO

Um dos campos mais expressivamente misóginos do âmbito das notícias, é a editoria esportiva de revistas, portais na internet, jornais, programas de rádio, canais na web ou da televisão. Como o esporte de maior cobertura jornalística no país e também de maior destaque é o futebol, a situação torna-se ainda mais sexista, pois o futebol não é visto como uma área para mulher (RAMIRES, 2020).

Esportes considerados exclusivamente voltados aos homens tiveram sua prática proibida para o público feminino por lei, durante o Governo Getúlio Vargas, e prevaleceu até o início da década de 1980. De acordo com o Decreto-Lei n. 3.199 da data de 14 de abril de 1941:

às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país (BRASIL, 1941).

A proibição das práticas esportivas pelas mulheres e, conseqüentemente, a ausência de profissionalização para este público, apresenta reflexos negativos até os dias de hoje como, por exemplo, o pouco incentivo às práticas e o baixo investimento de patrocinadores (SILVA, 2017).

No início de 2016 a Associação Mineira de Cronistas Esportivos (AMCE) contava com um total de 1.388 jornalistas: 1.343 homens e apenas 45 mulheres. Apesar desse desequilíbrio entre os sexos, o impacto desses dados se desfaz quando analisados os resultados de estudos que tratam das desigualdades de gênero no mercado de trabalho (NEVES, 2013).

De acordo com o exposto, se faz necessário um levantamento bibliográfico a fim de verificar e apontar os diversos obstáculos enfrentados pelas mulheres no ramo do jornalismo esportivo, bem como apresentar as possíveis medidas aplicáveis para evitar as dificuldades de inserção neste ramo

## 2 JORNALISMO E JORNALISMO ESPORTIVO

As manifestações mais explícitas do machismo vêm diminuindo gradativamente ao longo do tempo, pois muitas delas foram interpretadas como transgressões aos direitos das mulheres e até mesmo intituladas de desigualdade de gênero, sendo tais comportamentos sujeitos a punições que podem chegar ao âmbito jurídico (CATAÑEDA, 2007). Todavia, a mesma autora apresenta que há inúmeros comportamentos machistas ainda muito presentes na sociedade brasileira, que podem ser caracterizados como discretos, sutis, implícitos, camuflados, ou como denominados por ela, “machismo invisível”.

De acordo com Galeazzi (2001), mesmo atualmente, onde a mulher vai gradativamente ocupando maior espaço no mercado de trabalho, é comum encontrar uma realidade de injustiças em relação ao gênero masculino. Menores salários, menor participação em cargos da alta gestão, menores oportunidades de ascensão profissional. Esse quadro que subestima a capacidade profissional do gênero feminino intensifica a padronização de profissões em masculinas ou femininas, o que restringe ainda mais a oportunidades de trabalho por parte das mulheres.

### 2.1 Mulheres no jornalismo brasileiro

O primeiro periódico brasileiro dirigido e escrito por mulheres foi lançado em 1855 e se chamava *Jornal das Senhoras*, criado por Joana Paula Manso de Noronha. Curiosamente, os textos publicados não eram assinados, deixando as colaboradoras em um conveniente anonimato (CASADEI, 2011).

A ousadia de algumas asserções da revista, para a época, parece explicar esse comportamento. A revista denunciava que “para a maioria dos homens, o casamento era apenas um meio de satisfazer um desejo, um capricho, ou simplesmente mudar de estado. Ou assegurar a sua fortuna. Daí o homem poder dizer ‘minha mulher’ com a mesma entonação de voz com que diz ‘meu cavalo, minhas botas, etc.’, pois tudo são trastes de seu uso” (LIMA, 2007).

Segundo Ribeiro (1998), durante muito tempo, o mercado de trabalho jornalístico foi um local exclusivamente masculino. Segundo um relato de José Hamilton Ribeiro, em meados da década de 1930, no Brasil

As empresas jornalísticas eram pensadas e construídas como ambiente de sauna brega: só para homem. Nem havia banheiro feminino. No Estadão, à noite, quando fervia o trabalho jornalístico, as mulheres não eram aceitas nem na mesa telefônica. Havia mulheres como telefonistas, mas só durante o dia. À noite, um homem é que operava. Mulher podia ser telefonista, faxineira ou servir para fazer o café: circulava na área de serviço (RIBEIRO, 1998, p. 31).

A situação mudou de forma lenta. Em 1986, as mulheres já ocupavam 36% dos quadros profissionais do país e, dez anos mais tarde, esse número chegava a pouco mais de 40% (ROCHA, 2005). Em 2006, segundo dados do Ministério do Trabalho, 52% das vagas de jornalista eram ocupadas por mulheres (contabilizando 6.131 funções jornalísticas ante as 5.640 ocupadas por homens), mostrando uma maior tendência feminina no âmbito jornalístico.

Longe de se tratar de uma novidade, o Brasil insiste com a discriminação à população feminina em áreas do Jornalismo e, de maneira ainda mais marcada, no jornalismo esportivo (MORAES, 2021).

## 2.2 Jornalismo esportivo no Brasil

Segundo Bahia (1990), o jornalismo esportivo no Brasil teria iniciado em 1856 com O Atleta, que trazia ensinamentos para o aprimoramento físico dos moradores do Rio de Janeiro. Em 1886, circulam Sport e Sportman, com o título e a ortografia em inglês. O Sport, em São Paulo, traz conceitos científicos sobre físico e mente.

Já Coelho (2004) defende que o esporte ganhou espaço pela primeira vez nos jornais em 1910. Eram relatos de páginas inteiras dos jogos de times de futebol amador italiano no jornal Fanfulla. Não era um jornal de elite, mas atingia os italianos, cada vez mais numerosos na cidade de São Paulo.

O esporte recebia pouco espaço, mesmo o remo, esporte mais popular da época, não era creditado conseguir ser matéria de capa. Aliás, o remo era o esporte mais popular da época (SILVEIRA, 2009).

A mesma autora aponta que somente em 1922 os grandes jornais dedicam sua primeira página às fotos de quatro e cinco colunas com lances de futebol. Mais do que em qualquer lugar do país, no Rio de Janeiro, os jornais dedicam cada vez mais espaço ao tema esportivo.

No rádio, conforme Dalpiaz (2002), na rasa literatura acerca das transmissões de futebol, o pioneirismo por meio do rádio no Brasil é motivo de polêmica. A primeira transmissão direta do futebol e o início do radiojornalismo esportivo aconteceram em 1931, no dia 19 de julho.

Em março de 1999, a Rádio Pampa de Porto Alegre resolveu inovar e introduziu a programação esportiva. A diferença era que a Pampa propôs uma cobertura unicamente esportiva, ou seja, 24h de esporte. Inicialmente, a programação era composta por esporte e jornalismo de outras áreas, mas, em seis meses, decidiu-se por uma programação apenas de esporte, visto que não havia nenhuma emissora no Brasil que realizava somente transmissões esportivas (SILVEIRA, 2009).

Já na televisão brasileira, a primeira transmissão esportiva ocorre pela TV Tupi no dia 15 de outubro de 1950. O desenvolvimento da tecnologia atrai e, atrás de melhores salários, muitos jornalistas, no final dos anos 90, abandonaram as redações para trabalhar em sites, como o PSN e o IG. Em 1997, a compra da Warner pela AOL, em um negócio de milhões de dólares demonstra a febre que se iniciava no país (DALPIAZ, 2002).

Entretanto, é em 1999 que muitos dos melhores profissionais do jornalismo esportivo trocam o meio impresso pelo digital. Os “anos dourados” do jornalismo esportivo impresso começam a se apagar (SILVEIRA, 2009).

A Tabela 1 expressa, em porcentagem, dados de 2015 acerca de esportes e suas respectivas coberturas.

Tabela 1: Ocorrência dos esportes na mídia esportiva no Brasil e no mundo.

<b>Esportes noticiados</b>	<b>Brasil (porcentagem nos jornais)</b>	<b>ISPS (porcentagem nos jornais)</b>
Futebol	74,6%	40,5%
Fórmula 1	3,3%	2,2%
Vôlei	2,8%	0,6%
Natação e esportes aquáticos	2,6%	0,7%
Tênis	2,6%	7,6%
Corrida de rua	1,9%	2,3%
Artes marciais e luta olímpica	1,8%	0,5%
Outros esporte e a motor	1,4%	2,1%
Basquete	1,1%	3,6%
Esportes a cavalo	0,9%	2,3%
Ciclismo	0,7%	3,7%
Boxe	0,4%	1,8%
Fisiculturismo e fitness	0,2%	0,1%

Fonte: apublica.org, (2012).

## 2.2 Mulheres no jornalismo esportivo no Brasil

No Brasil, as mulheres são maioria nas redações de jornais, ocupando cargos de chefia nos meios de comunicação. Uma pesquisa divulgada pela Federação Nacional dos Jornalistas (BERGAMO; MICK; LIMA, 2012) aponta que elas representam 64% dos profissionais nas redações. Nas editorias de esportes, porém, seguem como minoria.

Esportes considerados para público masculino tiveram sua prática proibida para as mulheres, por meio de lei no Governo Getúlio Vargas, dentre os esportes assim classificados encontra-se o futebol. De acordo com o Decreto-Lei n. 3.199 da data de 14 de abril de 1941, “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país” (BRASIL, 1941). O ato de proibição das práticas esportivas expostas e, conseqüentemente, a falta de profissionalização na área têm exposto por Silva (2017), reflexos negativos até os dias hoje como, por exemplo, o pouco incentivo a estas práticas esportivas e o baixo número de investidores e patrocinadores.



Se a listagem dos esportes proibidos para as mulheres as colocou, por um período de 40 anos, distante do profissionalismo como praticantes e atletas, as dificuldades para o exercício do jornalismo esportivo permanecem em todo o mundo, como expõe Schoch:

No esporte, assim como em outros domínios como a política ou a guerra, que são pensados como “masculinos” [...] permanecem globalmente bastiões masculinos dos meios de comunicação em muitos países [...] particularmente, no caso dos esportes de tradição masculina, como o futebol, o baseball ou o hóquei no gelo. (SCHOCH, 2019, p. 31).

Segundo Scoch e Ohl (2011), foram reunidas informações que apresentam que, desde 1990, a presença de jornalistas mulheres nas redações tem crescido, entretanto, a quantidade de mulheres que entraram no jornalismo do esporte, tradicionalmente de domínio masculino, é baixa e permanece sendo domínio dos homens.

O questionamento à competência é uma constante e se reflete na tentativa das profissionais de se protegerem de situações de violência e assédio, exigindo posturas que estão além da questão de atuação profissional, como explica Schoch (2019, p. 31): “as mulheres jornalistas esportivas sentem que devem estar particularmente vigilantes quanto às suas atitudes, especialmente, para evitar certos estereótipos (sedutora, lésbica) que sentem na pele e devem negociar diversas tensões”.

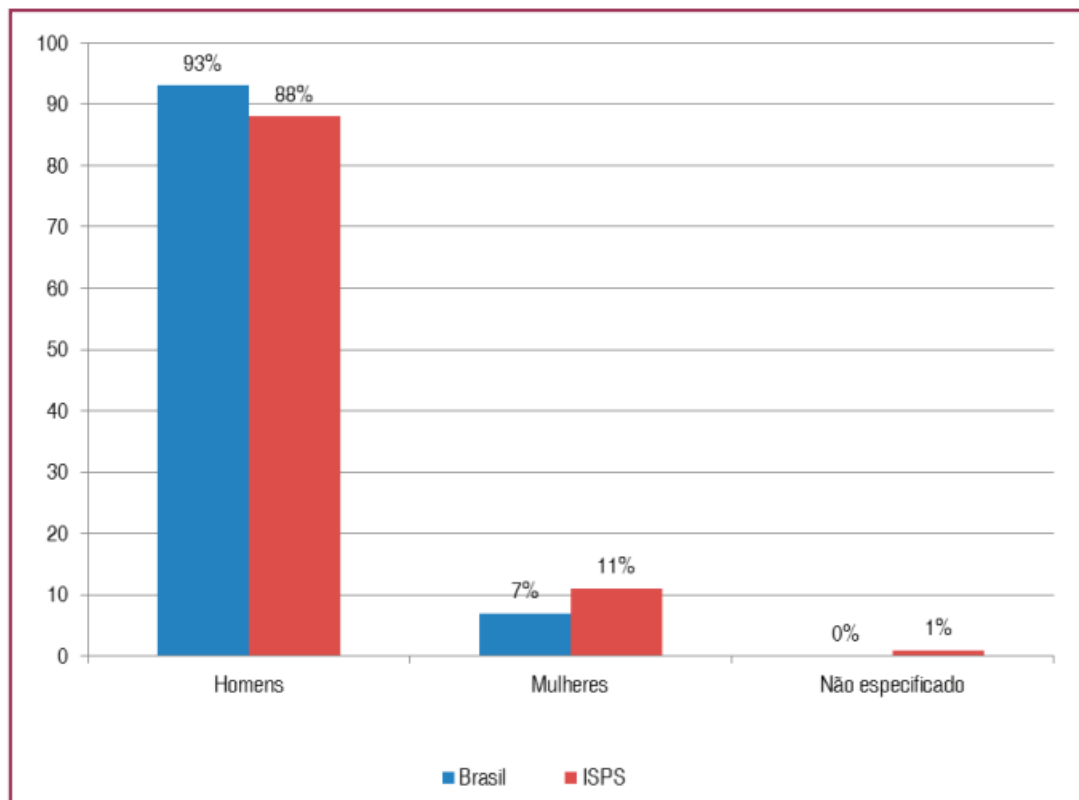
Não surpreende, portanto, quando Coakley (2007, p. 246) afirma que a:

[...] participação no esporte entre garotas e mulheres não vai seguir crescendo automaticamente, de forma natural. [...] Há a tendência, na maioria das culturas, em dar prioridade a esportes masculinos e atletas homens. Isso ocorre porque o mundo esportivo geralmente é dominado, identificado e centrado no masculino (COAKLEY, 2007, p. 246).

Não surpreende, portanto, quando o autor afirma que a participação esportiva entre mulheres não seguiria crescendo automaticamente, de modo natural. Observa-se a tendência, na maioria das culturas, em priorizar os esportes masculinos e os atletas do sexo masculino. Isso ocorre porque o mundo esportivo geralmente é dominado, identificado e centrado no masculino.

O Gráfico 1 apresenta o perfil de gêneros de artigos de cadernos esportivos, comparando dados do Brasil e do *International Sports Press Survey* (ISPS).

Gráfico 1: Perfil de gênero publicados em cadernos esportivos.



Fonte: apublica.org, (2012).

#### 2.4 Problemas relatados por jornalistas mulheres

O artigo de Brum e Capraro (2015), apresenta dados referentes a uma entrevista realizada com dez mulheres jornalistas que no primeiro semestre de 2013 atuavam em editorias de esportes de veículos de comunicação de Curitiba. A média de idade das profissionais é de 27,9 anos. Todas possuem graduação no ensino superior e cinco apresentam cursos de especialização em seus currículos. Uma ocupa o cargo de editora, uma segunda é autônoma e as demais são repórteres.

Dentro de suas editorias, as entrevistadas representam 15% das equipes. Duas atuam em jornal impresso (ambas como repórteres), uma em internet (como autônoma); três, em televisão (uma editora, duas repórteres), quatro em rádio (todas repórteres). Apenas uma tem filhos (dois). Ela e mais duas das entrevistadas são casadas. As demais, solteiras.

Essas mulheres se dispuseram a se inserir em um campo há muito dominado por homens e, apesar de sua entrada no campo parecer ter sido pacífica, elas afirmam que despertam uma constante desconfiança de sua capacidade em equiparar-se à qualidade do trabalho masculino. As entrevistadas percebem tal conduta devido a diferenciação de atribuições de tarefas.

Dentre os relatos de assédio e discriminação sofridos por mulheres jornalistas, a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (2017, p.6), discorre em seu relatório, ainda na apresentação, o caso de uma repórter que, em setembro de 2017, ouviu do técnico do Sport Club Internacional, ao questionar a atuação do time de futebol: “Desculpe, eu não vou fazer essa pergunta para você porque você é mulher e de repente não jogou”.

Ramires (2020), descreve um fato ocorrido em 14 de fevereiro de 2018, com a repórter Bruna Dealtry enquanto participava da transmissão, ao vivo, da partida Vasco da Gama e Universidad do Chile, pela Libertadores. A jornalista do canal de TV Esporte Interativo foi beijada, à força, por um torcedor, durante a cobertura da partida. A reação da profissional, visivelmente constrangida, foi afirmar que agressão sofrida pelo torcedor do torcedor foi desagradável.

Ramires (2020) ainda aponta que, em Porto Alegre, na mesma semana do caso de Bruna Dealtry, um torcedor do Inter agrediu, fisicamente e insultou a repórter Renata Medeiros, da Rádio Gaúcha, durante a cobertura de maior rivalidade no estado, entre Grêmio e Internacional.

Infelizmente, esses casos abordados não são isolados, no ano de 2016, após agressões verbais do cantor Biel a uma repórter do Portal iG, profissionais lançaram uma *hashtag* para denunciarem o caso: #JornalistasContraOAssedio (MOREAS; DA SILVA, 2021). O movimento arrefeceu e, após os casos com as jornalistas esportivas, uma nova onda de protestos nas redes sociais chamaram a atenção do público, motivando um grupo de profissionais a se reunirem em um manifesto, a partir de um vídeo com imagens, relatos e matérias jornalísticas de agressões que ocasionaram em denuncia dos casos, comentários ofensivos em redes sociais (ROSSI, 2018).

### **3 POSSÍVEIS SOLUÇÕES PARA OS PROBLEMAS RELATADOS**

A população feminina permanece lutando pela efetivação dos seus direitos, mesmo que estes sejam formalmente adquiridos por lei, em diversas áreas, principalmente na trabalhista. A distância imposta entre os homens e as mulheres é observada nas remunerações salariais, nas oportunidades de acesso a empregos, na formação profissional e nas promoções, reconhecimento e cargos de chefia no ambiente de trabalho. Os costumes e ações que impossibilitam a ascensão das mulheres nestes ramos, embora não se possa observar, se encontram sempre presentes, destaca-se ainda mais esse impedimento em funções e áreas mantidas, ano após ano como âmbitos de domínio dos homens (MORAES, 2021).

Segundo Whannel (2006), o jornalismo esportivo é controlado por homens quando evidenciam que os discursos, imagens e suas mensagens são direcionados, na sua maioria, para uma audiência masculina que é naturalmente pensada como público alvo. Além disso, essas relações vão além do nível de produção de discursos e imagens, pois se inserem na dinâmica do próprio campo do jornalismo esportivo, direcionando as mulheres para certas atividades e revelando impedimentos e entraves no exercício da profissão.

São Paulo e Rio de Janeiro são os centros mais procurados em busca de oportunidades no campo dos esportes. E a partir desses centros o deslocamento para outros países torna-se uma possibilidade mais palpável, mesmo em condições precárias, já que as emissoras de televisão enviam correspondentes para cobrir os campeonatos europeus. De acordo com os relatos coletados entre as interlocutoras de Belo Horizonte, esse deslocamento internacional raramente ocorre para se realizar a função de correspondente de emissoras de televisão. É mais frequente o deslocamento para a realização de cursos de aperfeiçoamento ou de pós-graduação em países europeus (PACHECO; SILVA, 2020).

O entendimento de que o campo do jornalismo esportivo, assim como o do futebol, é um espaço histórico e culturalmente masculino é levado em conta pelas interlocutoras em suas narrativas para dar sentido à presença das mulheres, às dificuldades de progressão na carreira e aos espaços possíveis de serem ocupados por elas nesse campo. De acordo com entrevistada para o artigo de Pacheco e Silva (2020):

[...] já entrei sabendo que esse espaço historicamente não é para mulher. Eu vou ter o dobro do esforço para acreditar em mim. Eu vou ter o dobro do esforço para passar credibilidade. Porque eu sou uma mulher, porque eu falo de futebol [...] para muitas pessoas isso é uma coisa descontextualizada. Mulher e futebol não se juntam. Justamente por essa construção histórica. (Interlocutora R4, 20 anos, solteira, heterossexual, parda, superior incompleto).

Por último, a pouca presença das mulheres no jornalismo esportivo também é percebida como uma questão da agência individual. É o gosto pessoal e a infinidade de subáreas do jornalismo a serem escolhidas que determinam a não adesão ao jornalismo esportivo pelas mulheres. Há o entendimento de que a maioria das mulheres não gosta de futebol, embasado pela experiência pessoal com o grupo de relações de amizade – “entre as amigas, sou a única que gosta de futebol”, como uma das entrevistadas afirmou (PACHECO; SILVA, 2020).

Ademais, apontam que o campo do jornalismo é muito grande e é preciso considerar a opção das mulheres por outras áreas que não a esportiva. Também é necessário considerar que o espaço do jornalismo esportivo em Belo Horizonte é pequeno. Assim, a restrição do mercado de trabalho e, conseqüentemente, a competitividade maior são entendidas como a razão da pequena quantidade de mulheres no campo (PACHECO; SILVA, 2020).

Ao enfrentar as adversidades nesse espaço, o discurso que mais transparece nas narrativas é o de impor o respeito. A estratégia de impor e manter o respeito se dá de diferentes formas. O controle e a distância corporal, o controle das emoções, a evitação de relações de amizade e intimidade e manter a postura de quem conhece minuciosamente a história dos indivíduos que circulam ou circularam pelo esporte fazem parte do cabedal da noção de impor respeito.

O controle e a distância corporal são maneiras de impor o respeito na profissão. (BRUM; CAPRARO, 2015). Essa estratégia requer uma preocupação constante com as vestimentas e adereços, além de uma preocupação em tornar o corpo invisível para os olhares masculinos (BRUM; CAPRARO, 2015). O que ocorre é uma ocultação corporal no sentido de deixar as formas corporais escondidas e tornar o corpo o mais distante possível do desejo masculino (BRUM; CAPRARO, 2015). Trata-se de uma estratégia

racional que demanda que, ao circular em espaços como os campos de jogo e treinamento, sejam tomados certos cuidados (BRUM; CAPRARO, 2015). A blusa amarrada na cintura, as roupas largas, o cabelo preso, o uso restrito de maquiagem e adereços, o olhar para baixo no intuito de não trocar olhares são artifícios primordiais para se proteger e manter o respeito. Além disso, o corpo deve ser mantido à distância nas interações sob o risco de interpretações dúbias (BRUM; CAPRARO, 2015). Portanto evitam o contato, não dão beijos ao cumprimentarem ainda, evitam conversar de maneira empática. Esse distanciamento exige uma alteração na forma de ser e de se relacionar dessas mulheres. Elas dizem que no espaço de trabalho elas não agem com naturalidade. Se são expansivas e tenras em outras esferas de sua vida privada, na vida pública são sérias e duras para relacionarem-se com seus interlocutores, dizem.

Muitas não estabelecem nem relações de amizade com os seus interlocutores e dizem que manter o distanciamento é uma forma de não passar por constrangimentos:

O meio é completamente masculino. A postura sua também. Você tem que estar se policiando o tempo inteiro. A busca de fontes no meio também é complicada. Sei lá, eu tenho colegas que podem se encontrar com o jogador no final de semana ou sair para jantar com técnico e criar uma fonte. Agora, imagina você, mulher, sentar no restaurante com um técnico de futebol? Isso ainda é uma barreira. Vão ter várias interpretações aí, né? Então é sempre mais difícil. (Interlocutora JR2, 45 anos, solteira, heterossexual, parda, superior completo).

Assumir uma postura de quem possui conhecimento e sabe do que está falando foi reiterada diversas vezes como uma estratégia para escapar dos constrangimentos nessas interações. Uma das jornalistas revelou que, para entrevistar um jogador, ele condicionou a entrevista ao conhecimento dela do seu primeiro gol como profissional na carreira (GALEAZZI, 2001).

Percebe-se, com isso, nesse e em outros tantos casos narrados, que a intimidação sofrida por meio da avaliação de conhecimento sobre detalhes da história do campo esportivo e seus personagens – no caso, aqui, o futebol – a que elas são submetidas pelos pares masculinos na redação é reproduzida em experiências com outros homens fora das redações. Tanto num espaço quanto no outro é necessário

provar que se sabe. Algo que não encontra similaridade quando a interação é realizada por homens (GALEAZZI, 2001).

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A população feminina permanece lutando pela efetivação dos seus direitos, mesmo que estes sejam formalmente adquiridos por lei, em diversas áreas, principalmente na trabalhista (RAMIRES, 2020). A distância imposta entre os homens e as mulheres é observada nas remunerações salariais, nas oportunidades de acesso a empregos, na formação profissional e nas promoções, reconhecimento e cargos de chefia no ambiente de trabalho (RAMIRES, 2020) Os costumes e ações que impossibilitam a ascensão das mulheres nestes ramos, embora não se possa observar, se encontram sempre presentes, destaca-se ainda mais esse impedimento em funções e áreas mantidas, ano após ano como âmbitos de domínio dos homens.

A constante luta das jornalistas de esporte que, como exposto pelo presente artigo, expõe as contradições sociais que ainda seccionam o mercado de trabalho com forte expressão do patriarcado (BERGAMO; MICK; LIMA, 2012), determinando que as mulheres devem ocupar ambientes os quais podem ou não ser aceita a sua presença.

Essas trabalhadoras são submetidas a violência sexista, se posicionam, denunciam e acabam voltando a sofrê-la, reivindicam ações que dissertem sobre o direito para além dos textos de lei, de modo que proporcione uma educação ampla responsável pela conscientização dos homens, mulheres também, de que o espaço trabalhista não constitui uma concessão de um círculo que possui o poder.

As mulheres devem ser notícia, fazer notícia, escrever notícia, contar, expor e tecer comentários sobre os eventos das mais variadas abordagens. Devem também ter a liberdade de serem quem são, como assim nasceram, como tenham se constituído social e politicamente, como escolheram ou como foram chamadas a viver.

~~Sugestões Afonso:~~

~~Sugestões: uma revisão da literatura permite apenas generalizações menores~~

~~Sugestão: o que resolve o problema? Uma revisão da literatura? Ou uma análise empírica? O tema até vale uma revisão, mas é preciso explicar de outra forma... dizer olha fiz a revisão por isso e por aquilo;~~

~~Uma revisão da literatura não permite apresentar soluções;~~



## REFERÊNCIAS

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica – História da Imprensa Brasileira**. São Paulo:Ática, 1990.

BERGAMO, Alexandre; MICK, Jacques; LIMA, Samuel. Quem é o jornalista brasileiro: perfil da profissão no país. **São Paulo: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) & Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj)**. 2012.

BRASIL. Decreto-Lei n. 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Rio de Janeiro. 1941.

BRUM, Adriana; CAPRARO, André Mendes. Mulheres no jornalismo esportivo: uma “visão além do alcance”?. **Movimento (Porto Alegre)**, p. 959-971, 2015.

CASADEI, Eliza Bacheга. A inserção das mulheres no jornalismo e a imprensa alternativa: primeiras experiências do final do século XIX. **Revista Alterjor**, v. 3, n. 1, p. 1-10, 2011.

CASTAÑEDA, Marina. **El machismo invisible regresa**. DEBOLSILLO, 2007.

COAKLEY, Jay. **Sports in Society: Issues and Controversies**. 9. ed. New York: McGraw-Hill. 2007.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo**. 2.ed São Paulo: Contexto, 2004

DALPIAZ, Jamile Gamba. **O Futebol no rádio de Porto Alegre: um resgate histórico (dos anos 30 à atualidade)**. 2002.

GALEAZZI, Irene Maria Sassi. Mulheres trabalhadoras: a chefia da família e os condicionantes de gênero. **Mulher e trabalho**, v. 1, 2001.

LIMA, Sandra Lúcia Lopes. Imprensa feminina, revista feminina. A imprensa feminina no Brasil. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 35, 2007.

MORAES, Fabiana; DA SILVA, Marcia Veiga. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. **Mídia e zeitgeist**, p. 113, 2021.

NEVES, Magda de Almeida. Anotações sobre trabalho e gênero. **Cadernos de Pesquisa**, v. 43, p. 404-421, 2013.

PACHECO, Leonardo Turchi; SILVA, Silvio Ricardo da. Mulheres e jornalismo esportivo: possibilidades e limitações em um campo masculino. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, 2020.

RAMIRES, Lídia. Mulheres jornalistas esportivas e mercado de trabalho: quem (não) as deixa trabalhar?. **Revista Katálysis**, v. 23, p. 501-509, 2020.

RIBEIRO, José Hamilton. **Jornalistas: 1937 a 1997: história da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

ROCHA, Paula Melani. A profissionalização no Jornalismo e o mercado de trabalho para mulheres no Estado de São Paulo. **Revista Jurídica Eletrônica UNICOC**, n. 2, p. 1-10, 2005.

ROSSI, M. DeixaElaTrabalhar: a nova investida de mulheres jornalistas contra o machismo. **El Pais, São Paulo**, v. 25, 2018.

SCHOCH, L; OHL, F. Women sports journalists in Switzerland: between assignment and negotiation of roles. **Sociology of Sport Journal**, n. 28, p. 189-208, 2011.

SCHOCH, L. Stéréotypes de genre. **Sur le journalisme**, v. 8, n. 2, dez. de 2019.

SILVA, Giovana Capucim. Mulheres impedidas: a proibição do futebol feminino na imprensa de São Paulo. **Rio de Janeiro: Multifoco**, 2017.

SILVEIRA, Nathália Ely da. Jornalismo Esportivo: conceitos e práticas. 2009.

WHANNEL, G. "Sport and the media". In: COAKLEY, Jay; DUNNING, Eric (Eds.). Handbook of sports studies. London: Sage, 2006. p. 291-380